

A ESTAÇÃO DA IDADE DO FERRO DO PORTO DAS LAGES

(OURIQUE, BEJA)

Virgílio Hipólito Correia

A ESTAÇÃO

A estação arqueológica da Idade do Ferro do Porto das Lages foi descoberta pelo Dr. Caetano de Mello Beirão, em prospecções no Concelho de Ourique.

Situa-se na freguesia de S. Salvador de Ourique, desse concelho, distrito de Beja. As suas coordenadas (Quadrícula hectométrica de Gauss) segundo a Carta Militar de Portugal à esc. 1/25000, folha 563 - Gomes Aires (Almodôvar) são 188 5 - 66 1, a uma cota aproximada dos 180m.

As obras de remodelação do traçado da estrada E. N. 264, que puseram em perigo a estação, já que o corte nos taludes da estrada se aproximam a cerca de 10 m da área com estruturas evidentes, levaram à realização de uma intervenção arqueológica de salvamento, que se desdobrou por três períodos sucessivos nos anos de 1985, 86 e 87; tendo a primeira campanha sido dirigida pelo Dr. Jorge Oliveira e as restantes pelo autor.

A estação, apesar de já conhecida, mantinha-se inédita na bibliografia arqueológica, tendo posteriormente à conclusão dos trabalhos sido referida em notícia do autor (CORREIA 1988).

Após a conclusão dos trabalhos, cuja responsabilidade foi assumida pelo Serviço Regional de Arqueologia do Sul, a estação foi vedada, estando actualmente em estudo a consolidação das estruturas e a organização museográfica do sítio (¹).

CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

O povoado do Porto das Lages integra-se na zona de contacto entre as duas unidades de paisagem que são características de toda a área da bacia hidrográfica do Mira, que são a planície e o vale do rio que, em abundantes troços do seu curso pode, com propriedade, ser apelidado de garganta.

O local escolhido não é a cota baixa no centro da *raquette* formada pelo meandro do rio ao encaixar o seu leito no manto de xistos carbónicos mas, tal como em todos os outros povoados conhecidos nesta zona, a cota proeminente é desprezada.

Do fenómeno de escolha estratégica da cota mais baixa inserida no meandro do rio são típicos os povoados de Fernão Vaz e da Vaga da Cascalheira, com as respectivas necrópoles situadas na cota imediatamente superior. O caso do povoado do Pêgo da Sobreira é ligeiramente diferente, já que a cota escolhida é mais elevada e o grande monumento funerário se situa na elevação contígua a W. Idêntico ao caso do Porto das Lages (até por não conhecermos as necrópoles que lhes correspondem) parece ser o caso do habitat do Moínho do Ovilheiro.

O horizonte visual abrangido a partir dos povoados é limitado a uma área da veiga imediatamente subjacente e às colinas limítrofes, sendo as capacidades naturais de defesa dos locais escolhidos de somenos importância.

(¹) Queremos exprimir o nosso agradecimento ao Dr. Caetano de Mello Beirão pela importante colaboração que prestou ao trabalho e a este estudo. Os agradecimentos são extensivos a Ivone Beirão, Carolina Páscoa e Fátima Pereira, desenhadoras, a Manuel Ribeiro, fotógrafo e a Manuel Ricardo, cuja colaboração é sempre indispensável.

Isto, e por cépticos que sejam acerca de análises socio-económicas estritamente baseadas numa aparente estratégia de povoamento, definida a partir de um reduzido número de casos localizados, não pode deixar de ser significativo acerca da posição destes povoados no seio das sociedades proto-históricas do Sudoeste peninsular na Idade do Ferro, das quais a preocupação com as fortificações e as condições de defesa em geral parece, em muitos casos, estar ausente.

O terreno onde se implanta é formado por solos pouco espessos sobre xistos do Carbónico de Facies Marítima, com encostas abruptas e pouco praticáveis, sendo apenas agricolamente exploráveis, ou as planícies que se desenvolvem para além das zonas escavadas pelos rios, ou as pequenas áreas entre os meandros, onde por vezes se conservam depósitos aluvionares relativamente espessos.

TRABALHOS

A reduzida espessura de terras acumuladas sobre a rocha de base e as estruturas levou à escolha de um método de escavação em área contínua, sem banquetas, conservando apenas os perfis estratigráficos dos limites da área, aliás pouco ou nada elucidativos da dinâmica de ocupação do sítio. Isto levou-nos a considerar quer os muros quer as depressões na rocha de base como unidades estratigráficas, a escavar com ênfase numa perspectiva planimétrica e altimétrica e não uma perspectiva estratigráfica. Daí a divisão da área escavada em espaços (notados de A a F) definidos pelas construções ou entre elas. Por isso apresentamos apenas um perfil estratigráfico, reconstituído a partir das observações altimétricas, posteriormente tratadas.

A área escavada começou por ser definida por quatro quadrados de 4 x 4m (1985), posteriormente alargada em 1 x 8m (1986) e em 1 x 8 + 3 x 10m (1987). Os alargamentos sucessivos, obedecendo a uma quadricula geral orientada Norte-Sul, mas não respeitando obrigatoriamente os limites dos quadrados, responderam simultaneamente às necessidades de compreensão dos espaços construídos e de economia de meios.

A área escavada, no fim dos trabalhos apresentava-se como um rectângulo de 11 x 10m, com os lados menores orientados E/W, correspondendo a nove quadrados de 16m² numerados de 1 a 9, de E para W e de S para N. Toda a área foi escavada até à rocha de base, numa profundidade mínima de 10cm e máxima de 40cm aproximadamente.

ESTRATIGRAFIA

A estratigrafia detectada em toda a estação é de uma extrema simplicidade e exiguidade. A potência estratigráfica só em zonas extremamente limitadas se aproxima de 40cm (áreas correspondentes ao interior de alguns compartimentos). Nas restantes zonas, o que inclui toda a extensão dos perfis estratigráficos (observados apenas nos limites da área, pois não se preservaram banquetas) detecta-se uma espessura média oscilante entre os 5 e os 10cm, constituída por terras arenosas lavradas e raízes da vegetação rasteira presente no local. Esta camada, apenas em áreas limitadas cobria completamente as estruturas. A este nível foi recolhido algum espólio, nomeadamente uma mó manual, fragmentos de um vaso decorado e um pequeno cossoiro, de forma extremamente irregular.

Em geral, sob esta camada, encontravam-se as pedras pertencentes aos muros ou as que fazem parte das estruturas «tipo lageado», não se detectando qualquer alteração das características do solo, desde a superfície até ao contacto com os xistos de base.

Apenas nos compartimentos se detectou uma maior potência estratigráfica.

Num deles (espaço B) encontramos uma cavidade artificial, de contorno aproximadamente quadrangular, cavada na rocha de base e correspondendo grosseiramente ao contorno interno dos muros do compartimento. Com uma profundidade irregular, mas sempre aproximada dos 25cm, encontrava-se preenchida por um sedimento arenoso muito compacto, de cor ligeiramente mais avermelhada que as terras superficiais, e que incluía muitas pedras (maioritariamente seixos rolados de grauvaque) e alguma cerâmica fragmentada *in situ*, mas que não definia um nível arqueológico nítido, quer por ser extremamente irregular a sua superfície quer por não haver qualquer alteração significativa de textura, relativamente à camada anterior. Idêntica consideração há a fazer quanto à espessura de sedimentos detectados no interior da construção circular (cerca de 15cm), depositados na concavidade formada pelo aplanamento da rocha de base.

Não estaremos em presença de pavimentos de terra batida, mas sim perante a estruturação do nível desses pavimentos, que podiam até ser mais consistentes, estruturação essa que, com as cavidades abertas na rocha, desempenharia também o papel de desumidificador da superfície.

Os muros dos compartimentos mais a W da área (espaços C e D), estando implantados em zonas de maior declive provocaram uma maior deposição de terras húmusas superficiais, sendo no entanto invariavelmente pouco espesso e descontínuo o estrato da base.

A ausência de potência estratigráfica deve-se sem dúvida à localização da estação numa elevação de vertentes relativamente pronunciadas, com escassa vegetação no topo, muito sensível aos fenómenos erosivos, que a afectaram profundamente. Daí que não se tenha formado um estrato húmido significativo que recubra as estruturas, fenómeno ainda agravado pela repetição da lavragem das terras.

A escavação da estação segundo dois planos artificiais e as observações altimétricas feitas durante os trabalhos permitiram-nos reconstituir o perfil estratigráfico apresentado na fig. 4, traçado segundo um eixo cuja implantação é marcada na planta geral da fig. 3. Consideram-se as seguintes camadas:

- 1 - Terras aradas de cor castanha clara, argilosas muito compactas, com pedras e pouca cerâmica.
- 2 - Sedimentos arenosos avermelhados, compactados, com pedras e muita cerâmica, estratigraficamente relacionáveis com as estruturas construídas.
- 3 - Xistos do Carbónico de facies marítima («Pedra talisca») da base.

A descontinuidade absoluta (planimetricamente) da camada 2 levou-nos a tomar cada uma das áreas onde ela se detectou como uma unidade estratigráfica independente, ainda que correlacionável. Foi também considerado como uma unidade estratigráfica o enchimento das diaclases da base e as pedras que por vezes as parecem colmatar, sem que seja segura a intencionalidade da sua colocação.

ESTRUTURAS

As estruturas do povoado foram detectadas em muito mau estado de conservação, pelo que a sua análise se terá de limitar à planta e a prováveis reconstituições de alçados, apresentados com o máximo de dúvidas sobre a sua veracidade.

Fora da área escavada não são visíveis quaisquer outros vestígios de construções pelo que é possível pensar que estamos de facto perante um pequeno núcleo habitacional isolado. É no entanto possível contrapor que os factores destructivos podem não ter agido da mesma forma em toda a área do cerro, dada a própria topografia dele, e que outras estruturas possam ter sido completamente destruídas ou, pelo contrário, mais profundamente soterradas, sem deixar vestígios superficiais.

No centro da área escavada surge uma construção de planta circular (Espaço A), regular, com cerca de 2,5m de diâmetro externo e 1,8m de diâmetro interno, que está reduzida à primeira fiada de pedras assentes sobre a rocha, e a escassas pedras da segunda. Após o assento deste muro a rocha foi ligeiramente regularizada em alguns pontos do exterior da estrutura - a rocha é particularmente irregular imediatamente a W dela - e cuidadosamente rebaixada (entre 5 e 8cm) e aplanada no interior.

A esta construção adossa-se um muro que atravessa a área na direcção NW/SE e que, com outro perpendicular, define um compartimento provido de um lareira central (Espaço D). No primeiro destes muros detecta-se uma entrada, criada pela interrupção da segunda camada de pedras, sendo a inferior formada por lages especialmente planas e lisas. A detecção, nos limites da área, do que parecem ser os arranques dos restantes muros (estando no entanto muito destruídos pela lavoura) leva-nos a calcular uma dimensão próxima dos 12m² (3 x 4m), em planta aproximadamente quadrangular.

A lareira central deste compartimento é formada por blocos rolados de grauaque, colocados directamente sobre a rocha de base regularizada, sendo o enchimento de uma terra especialmente compacta e de cor nitidamente vermelha, talvez devido à acção do fogo, mas sem que se detectem vestígios de carvões ou de cinzas.

No interior deste compartimento o aplanamento da rocha de base foi desigual na cota escolhida, deixando uma faixa de cerca de 1m de largura, 15 a 20cm mais alta, na extremidade SW do compartimento, sendo a separação criada numa diaclase do xisto. Este desnivelamento, além de permitir vencer o declive original, funcionou certamente como dispositivo de arranjo doméstico.

A NE deste conjunto foram adossados, quer ao muro do compartimento quadrangular quer ao da construção circular, três muros que definem um espaço de planta trapezoidal aberto a NW (Espaço C), correspondendo ao que seria o menor lado não paralelo do trapézio. Este compartimento parece ser um aproveitamento de uma área definida por exclusão dos restantes espaços construídos, sendo nítido o adossamento dos seus muros aos das outras construções. O muro W desta construção aproveita as diaclases do xisto, tendo o aplanamento intencional da rocha formado um degrau sobre o qual se constrói o muro.

Paralelamente ao limite S da área escavada detectamos um muro de construção especialmente irregular que, aparentemente, termina abruptamente a W, descrevendo (a E) um arco de círculo. Para N deste muro encontramos um pequeno compartimento rectangular de aproximadamente 2 x 3m (Espaço B), com uma entrada aberta a E, estruturada como uma cavidade aberta no xisto, que nivela o exterior, formando um degrau cuja linha de corte segue o alinhamento da face externa do muro. O interior do compartimento é aplanado em dois níveis diferenciados cerca de 30cm, formando a extremidade mais baixa uma cavidade aproximadamente quadrangular.

A área a NE deste compartimento (Espaço F) foi uma das mais afectadas pelas lavragens e aquela em que era menor a espessura de sedimentos, daí a insegurança em se poder definir um ou dois compartimentos de planta aproximadamente quadrangular com os pequenos troços de muros que detectámos, integrando provavelmente o buraco de poste encontrado junto ao limite W da área.

Entre estes dois blocos de compartimentos, um a NE da área o outro a S e SW, fica um espaço aberto que certamente funcionou como zona de circulação (Espaço E), em que não se verifica um alisamento importante da rocha mas sim a colmatação das suas diaclases com algumas lages e pedras, dando origem a uma espécie de lageado, extremamente fruste e descontínuo. Não podemos sequer afirmar estarmos na presença de um pavimento intencionalmente estruturado, podendo a deposição das pedras nas fendas e cavidades da rocha tratar-se de um fenómeno casual, cuja ocorrência é natural num espaço de circulação.

Esta área aberta compreende a NW, quase nos limites da escavação e parcialmente fora dela, uma lareira estruturada com um círculo muito imperfeito de blocos irregulares de grauvaque, com o centro formado de pequenos seixos de quartzo leitoso.

Os alçados destas estruturas, actualmente reduzidas ao pequeno soco rochoso deixado pelo alisamento da rocha à volta dos muros posteriormente à sua construção e uma ou duas fiadas de pedra, seriam provavelmente conseguidos com a elevação de adobes ou taipa sobre a base de pedra seca, tal como é ainda comunmente utilizado na área, e tal como é apontado para outros povoados da Idade do Ferro, no Alentejo e fora dele. No entanto temos também de admitir a existência de estruturas completamente construídas em pedra e ainda de estruturas de técnica mista, com adobe ou taipa, pedra e partes compostas à base de postes de madeira. O estado de conservação destas que aqui estudamos não permite maiores precisões.

Espaço	estrato 1	estrato 2	%	Manual (est. 2)	%	Torno (est 2)	%
A	—	35	13.5	26	75	9	25
B	1	16	6.5	16	100	—	0
C	—	30	11.5	21	70	9	30
D	—	72	27.5	72	100	—	0
E	—	49	18.7	13	25	36	75
F	6	52	22.3	36	70	16	30
Total	7	254	100	184	70	70	30

Para averiguarmos da possibilidade de reconstituir o esquema da funcionalidade dos espaços detectados, elaboramos o quadro acima em que organizamos, por espaço considerado, a quantidade absoluta de cerâmica recolhida nos estratos 1 e 2 (2.^a e 3.^a colunas) e a percentagem de cerâmica que provém de cada espaço, relativamente ao total recolhido. As restantes demonstram qual a proporção, dentro de cada espaço, entre cerâmica manual e a torno (em percentagem arredondada) (6.^a e 8.^a colunas).

O quadro revela-se, quanto a nós, inconclusivo. Não existem espaços onde esteja ausente o espólio, nem outros onde ele seja muito mais frequente que os restantes. Uma percentagem relativamente maior proveniente do espaço D, provido de lareira, confirma-nos apenas um carácter mais definido como área de vivência permanente e certamente de cozinha. A elevada proporção de cerâmica ao torno no espaço de circulação E deve-se sem dúvida à maior resistência desta cerâmica, e não a questões de funcionalidade do espaço.

Uma outra observação a fazer é a de que os fragmentos referenciados no catálogo sob os números 22 e 23 provêm do espaço A. Não consideramos prudente indicar apenas por isso uma funcionalidade de armazém de produtos de luxo para a construção circular.

ESPÓLIO

O espólio recolhido no Porto das Lages constitui um conjunto pouco numeroso e diversificado de cerâmicas, de tipologia quase nada elucidativa da cronologia ou das actividades socio-económicas do povoado.

À excepção de um elemento dormente de mó manual, todo o espólio é constituído por fragmentos de cerâmica. O escasso número de fragmentos recolhidos provêm quase exclusivamente (97%) das zonas mais profundas da escavação, nomeadamente do interior dos compartimentos, e da área central lageada, em contacto com a rocha de base ou com as lages que preenchem os seus interstícios (áreas que reúnem cerca de 80% dos fragmentos). Estas observações, em conjunto com o facto de a cerâmica se apresentar extremamente fragmentada (uma quantidade igual a 10% da cerâmica analisável é constituída por fragmentos de dimensão média inferior a 1cm), leva-nos a pensar que a estação terá sido abandonada progressivamente, o que terá provocado a escassez de material, em termos absolutos, e o facto de a sua conservação, em termos relativos, ter sido melhor em zonas naturalmente protegidas ou de mais fácil sedimentação, a coberto da escorrência de terra para as vertentes. Outra observação que, quanto a nós corrobora esta hipótese é a de a conservação da cerâmica a torno no espaço central de circulação ter sido muito maior do que a de cerâmica manual. Sem motivos para pensar que a diferenciação das componentes do conjunto de cerâmica aí recolhido fosse diferente de outros espaços, é à erosão e destruição de fragmentos de cerâmica menos compactos (como os manuais) depositados neste espaço, e a esses fenómenos sujeitos durante um largo espaço de tempo, que essa diferenciação deverá ser atribuída.

O estado de destruição superficial da estação é ainda testemunhado pela reduzida percentagem de material recolhido à superfície ou no estrato superior.

	Manuais		Torno		Total	
	=	%	=	%	=	%
Com forma	21	8.0	4	1.5	25	9.5
Outros	163	62.5	73	28.0	236	80.5
Total	184	70.5	77	29.5	261	100

O achado, nas terras da lareira do compartimento quadrangular, de alguns nódulos, que tanto podem ser de escória metálica muito oxidada como de terra rica em óxidos metálicos concrecionada pelo fogo, não é motivo suficiente para falarmos de actividade metalúrgica neste povoado. Este problema terá que ser analisado com outros pressupostos que não os mesmos que conduzem a análise do espólio cerâmico.

TIPOS DE CERÂMICA

Entre a diversa cerâmica manual recolhida notamos dois tipos fundamentais, característicos pelas diferenciadas condições de cozedura, nomeadamente:

- O tipo A caracteriza-se pelas pastas pouco compactas, com muito desengordurante, composto predominantemente de fragmentos angulosos de quartzo de calibre muito irregular, com outros elementos não plásticos de dimensão média superior a 1mm e incluindo abundantes minerais de cor escura, geralmente de menor calibre. O acabamento das superfícies é geralmente o alisamento medianamente cuidado, detectando-se poucos fragmentos bem alisados e apenas

alguns em que a superfície não demonstra qualquer tipo de alisamento. É significativo o número de fragmentos que, devido à pouca compactidade da pasta, se encontram com a superfície erodida, não podendo por isso ser convenientemente analisados. A coloração das pastas não é homogénea, variando a cor das superfícies do vermelho (2.5YR5/6 ou 4/8) ⁽¹⁾ ao castanho avermelhado (5YR2.5/1) e detectando-se fragmentos cuja coloração de cerne é, quer indistinta da pasta, quer nitidamente enegrecida, podendo chegar ao cinzento escuro (10YR4/1).

- O tipo B, basicamente semelhante, é no entanto distinto pela generalidade das colorações mais escuras, do preto (5YR2.5/1) ao castanho avermelhado escuro (2.5YR2.5/1), por uma maior friabilidade das pastas e pelo menor cuidado dos acabamentos.

As cerâmicas a torno são tecnicamente homogéneas. Os tons da pasta são geralmente vermelho acastanhado (5YR4/3). As superfícies externas variam entre cores idênticas à pasta e o preto (5YR2.5/1). As pastas são compactas, com pouco desengordurante predominantemente quartzítico, fino e bem calibrado, de dimensões sempre muito inferiores a 0.5mm, com raros elementos não plásticos de dimensão superior. Os acabamentos das superfícies externas são constituídos, na quase completa totalidade dos fragmentos identificados, por um polimento intenso obtido ao torno, por espatulamento horizontal. Por este processo são obtidas superfícies com um ligeiro aspecto de «brunido», provocado pelo movimento da espátula, que deixa estrias ou faixas horizontais, realçando algumas delas certas modulações do perfil dos vasos. Tecnicamente, a aparência das superfícies polidas leva-nos a supor uma acção polivalente de alisamento/polimento e estriagem, produzida sobre o torno, com a peça ainda bastante húmida.

Alguns dos fragmentos surgem com o mesmo aspecto, mas sem a superfície polida. Não sendo de crer que condições de jazida diversificadas terão, por fenómenos erosivos, provocado tal diferença, pensamos que esta característica estético-funcional deve ser obtida (ou não) respondendo aos desejos do oleiro e talvez a produções previamente estereotipadas.

Dos dois exemplos de decoração recolhidos, um é por demais escasso para poder ser analisado (incisões finas, sem que seja claro qual o motivo ou padrão executado). O vaso n.º 26 é decorado por uma linha de pequenas incisões romboidais, cruzadas, que se desenvolvem a partir de um mamilo de plano elipsoidal.

Para além destas cerâmicas torneadas, temos testemunhos de três outros vasos que, ao contrário de todos os outros anteriormente referidos, foram provavelmente importados de um ponto indeterminado, mas que certamente se situa numa esfera que ultrapassa a região do povoado, em sentido estrito. Tratam-se de:

- a) Um vaso (n.º 22) e uma taça (n.º 23) fabricados em pasta laranja-avermelhada, relativamente depurada, cuidadosamente engobados com uma depuração de argila que conferiu à superfície uma cor mais escura, (negro no fragmento do vaso, castanho avermelhado na taça) tendo tornado homogéneo o seu aspecto.

- b) Uma taça (n.º 24) em cerâmica arenosa, com grandes grãos de desengordurante, que sofreu uma cozedura intensa em ambiente fortemente oxidante.

Na fig. 6 apresentamos fotografias ampliadas das superfícies bem conservadas de três fragmentos de cerâmica que consideramos de fabrico regional, dos dois exemplares engobados e da taça de cerâmica arenosa. Pesem embora as limitações inerentes a esta sumária análise macroscópica parece-nos marcante a semelhança das pastas dos três primeiros, apesar de dois deles pertencerem a vasos de fabrico manual (n.º 1 e n.º 2) e o restante (n.º 3) ser torneado e polido em estrias (a aresta formada por duas destas estrias é visível na fotografia).

Os três exemplares de fabrico não-local são estatisticamente pouco significativos no conjunto dos materiais recolhidos na estação (1%). São no entanto as peças mais importantes, pelo seu carácter de raridade local, que não intrínseca. É precisamente este facto - que consideramos estatisticamente demonstrável - que para nós é fundamental: a existência de um conjunto cerâmico de fabrico local, ao qual são somados alguns exemplares de fabricos importados que, para uma população de escassos recursos, assumem o carácter de produções de luxo. No que toca às produções locais, se não podemos afirmar que estas são fabricadas no povoado, certamente que a cerâmica provém de uma oficina próxima, que se limita a fornecer uma clientela reduzida, o que explica os escassos recursos técnicos e artísticos demonstrados.

(¹) As referências de coloração são de *Munsell Soil Color Charts*, devendo entender-se como aproximadas.

CATÁLOGO DO MATERIAL CERÂMICO

- 1 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/076)
Pasta pouco compacta, friável, abundante desengordurante mal calibrado (fino a médio) predominantemente quartzítico. Vaso possivelmente hemisférico, bordo sub-vertical, lábio arredondado. Cerne castanho avermelhado escuro, superfícies vermelho acastanhado.
- 2 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/050)
Pasta idêntica ao anterior. Superfície externa alisada, superfície interna sem acabamento. Vaso «tipo saco», bordo ligeiramente introvertido, lábio arredondado.
Cor geral castanho avermelhado escuro com manchas de cor vermelha (desenhado).
- 3 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/01/D4)
Pasta compacta não friável, abundante desengordurante mal calibrado (fino a médio), predominante quartzítico, com alguma mica, branca e preta. Superfícies bem alisadas. Tijela hemisférica, bastante aberta, bordo extrovertidoafilado, lábio arredondado. Cerne de cor cinzenta muito escura, superfícies castanho avermelhado escuro com manchas vermelhas (desenhado).
- 4 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/090)
Pasta idêntica ao anterior. Superfície interna sem acabamento, a externa está erodida. Cor geral castanha avermelhada, mais avermelhada no exterior.
Forma não reconstituível (desenhado).
- 5 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/045)
Pasta idêntica ao anterior. Superfícies ligeiramente alisadas. Vaso hemisférico, bordo ligeiramente extrovertido, lábio arredondado. Cor de pasta, cinzento escuro, camada superficial externa de cor vermelha (desenhado).
- 6 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/01/D5)
Pasta pouco compacta, pouco friável, pouco desengordurante bem calibrado (fino), predominante quartzítico. Superfícies alisadas. Pequeno vaso Hemisférico, bordo muito ligeiramente introvertido, lábio aplanado. Cor geral vermelha (desenhado).
- 7 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/093)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano, ligeiramente indicado. cerne cinzento muito escuro, com finas camadas superficiais de cor vermelha.
- 8 – Pequeno fragmento decorado. (PL/02/058)
Superfície externa polida, decorada por incisões muito finas (triângulos? linhas quebradas?)
Cor castanho forte.
- 9 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/327)
Pasta grosseira (muito desengordurante quartzítico, mal calibrado), mal cozida em ambiente irregularmente oxidante, sem tratamento de superfícies (apresentado-se estas muito erosionadas).
Cor extremamente variável, até na mesma peça, do avermelhado ao castanho, avermelhado ou acinzentado.
Fundo plano não indicado.
- 10 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/331)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano não indicado.
- 11 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/332)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano não indicado.
- 12 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/333)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano não indicado.
- 13 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/334)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano. não indicado.

- 14 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/03/307)
Pasta compacta não friável, abundante desengordurante mal calibrado (fino a médio), predominante quartzítico, com alguma mica, branca e preta. Superfícies bem alisadas. Tijela hemisférica, bastante aberta, bordo extrovertido afilado, lábio arredondado. Cerne de cor cinzenta muito escura, superfícies castanho avermelhado escuro com manchas vermelhas (desenhado).
- 15 – Fragmentos de vaso de fabrico manual. (PL/03/334)
Pasta idêntica ao anterior. Cor irregular do castanho claro ao negro. Tigela hemisférica de fundo plano não indicado Bordo extrovertido de lábio afilado (desenhado).
- 16 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/03/102)
Pasta idêntica ao anterior. Bordo sub-vertical de lábio arredondado simples (desenhado).
- 17 – Fragmento de cossoiro. (PL/03/167)
Fabrico idêntico ao da restante cerâmica manual. Secção troncoconica, com perfuração cilíndrica.
- 18 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/202)
Pasta compacta, não friável, pouco desengordurante bem calibrado (fino), predominantemente quartzítico. Cor vermelha acastanhada escura. Fundo côncavo indicado por um ligeiro reforço externo. Superfícies completamente polidas, sendo a exterior canelada (desenhado).
- 19 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico ao torno. (PL/03/167)
Pasta idêntica ao anterior. Bordo muito extrovertido, lábio boleado.
- 20 – Fragmento ombro e colo de vaso de fabrico ao torno. (PL/02/052)
Pasta idêntica ao interior. Superfície externa preta. Superfície externa canelada.
- 21 – Fragmento de pança e ombro de vaso de fabrico ao torno. (PL/02/083)
Fabrico idêntico ao anterior.
- 22 – Fragmentos de vaso de fabrico ao torno (PL/03/169-174)
Pasta alaranjada com núcleos de desengordurante de cerâmica triturada, de cor vermelha. Aguada espessa acastanhada, posteriormente polida, aplicada sobre a superfície mal alisada. Taça de fundo plano ligeiramente indicado, bordo ligeiramente espessado, forma em calote de esfera.
- 23 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico ao torno. (PL/03/139)
Pasta idêntica ao anterior. Engobe relativamente espesso e bem aderente, de cor negra. Bordo extrovertido.
- 24 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico ao torno. (PL/03/)
Pasta arenosa com algum desengordurante de grande calibre. Muito bem cozida. Cor cinzento claro com manchas avermelhadas. Taça sub-hemisférica com bordo espessado em toro.
- 25 – Fragmento de um grande vaso de fabrico manual. (PL/03/vários)
Pasta compacta, não friável, pouco desengordurante bem calibrado (fino), predominantemente quartzítico. Cor muito variável do vermelho escuro ao negro. A forma não é reconstruível mas tratar-se-ia de um grande vaso de corpo globular, com um diâmetro máximo próximo dos cinquenta centímetros, colo esvasado, sendo os ombros indicados por uma ligeira carena. Não existem elementos do bordo ou do fundo. A superfície externa é irregularmente tratada, sendo o colo, acima dos ombros, intensamente polida e o restante deixado quase em bruto.
- 26 – Fragmento de bordo e bojo de um vaso decorado. (PL/Sup.)
Pasta medianamente compacta, desengordurante quartzítico abundante, bem calibrado, fino. Cor castanho claro, de amarelado a acinzentado. Bordo extrovertido, arrancando dos ombros do vaso e inflexão bem marcada, bojo de tendência hemisférica (o fragmento recolhido, talvez devido à inserção do mamilo, mostra uma tendência para paredes sub-verticais, que talvez não corresponda à forma geral do vaso). Linha de incisões romboidais cruzadas, não horizontal, que toca no mamilo.

27 – Cossoiro (PL/Sup.)

Pasta arenosa, superfície bem alisada. Plano e secção irregular (tendencialmente circular e elipsoidal, respectivamente). Perfuração cilíndrica muito fina, que deixou marcas na superfície ao ser produzida, nomeadamente criando uma saliência à volta do orifício.

PARALELOS E INDICAÇÕES CRONOLÓGICAS

A taça referida pelo n.º 22 tem paralelos na taça C.-S. B.-T.2-C.1 da necrópole da Chada (recolhida juntamente com uma fíbula anular hispânica - Tipo II de Quadrado) com datação atribuída do fim do Séc. VI a. C. (BEIRÃO, 1986, 86 ss.) e, do ponto de vista técnico, com a taça encontrada na Sep. I da Necrópole do Mealha Nova, apenas vagamente datada pela sua relação com um escaravelho de *Pedubaste* (provável produção de *Naucratis*), cuja cronologia se pode estender pelos Sécs. VI e V a. C. As características do «cartouche» sugerem no entanto uma datação recente dentro do espaço indicado. (DIAS, BEIRÃO & COELHO, 1970, 181 ss.).

A taça que publicamos sob o n.º 24 encontra paralelo na taça da Sep. IV da necrópole da Herdade do Pêgo, que foi depositada juntamente com uma faca afalcatada de ferro, com decoração em cobre/bronze, uma ponta de lança de ferro e dois elementos de adorno (um em ouro), formando um conjunto cuja datação mais provável se centra de meados a finais do Séc. VI a. C., data que se coaduna, no estado actual dos nossos conhecimentos, com a reutilização de uma lápide epigrafada de I.ª Idade do ferro na construção da própria sepultura. (DIAS, BEIRÃO & COELHO, 1970, 187 ss.).

A cerâmica manual do Porto das Lages encontra bons paralelos em Cerro Salomón e La Joya (BLANCO, LUZON & RUIZ; 1970; 12 ss. e ROIZ & GARCIA; 1978; 63 ss.), e em diversas situações estratigráficas nas áreas de povoado de Huelva (BELÉN, FERNANDEZ-MIRANDA & GARRIDO 1977) entre muitas outras estações, que não recenseámos unidas entre si pela característica comum de pertencerem à entidade cultural geralmente apelidada de «Reino de Tartessos». Os vasos hemisféricos, sejam de lábio aplanado ou afilado, são extremamente frequentes em ambientes indígenas orientalizados por toda a Baixa Andaluzia e, supomos, Sul de Portugal. A sua frequência e a elementaridade da forma não constituem um bom indicio cronológico, mas a sua datação genérica dos Sécs. VII e VI, com uma maior incidência neste último, está mais do que provada. Cerâmica com distintos tratamentos de superfície em diversas áreas do corpo do vaso, ocorrem em Carmona e Setefilla (referências não verificadas), com datações dos Sécs. VII-VI a. C..

O vaso decorado recolhido à superfície, talvez a peça de aparência mais tardia do conjunto, não encontra paralelos imediatos na área. Significativo é no entanto o facto de nem a forma nem as características técnicas serem próximas de qualquer peça publicada do depósito voltivo de Garvão, o que nos permite apontar um *terminus ante quem* de inícios do Séc. IV (BEIRÃO, SILVA, SOARES, GOMES & GOMES; 1985).

Estamos portanto perante um conjunto cerâmico composto maioritariamente por cerâmica manual com paralelos numa vasta área do Sudoeste peninsular, em povoados e necrópoles dos Sécs. VII e VI a. C., ao qual se juntam alguns exemplares adquiridos fora do povoado, com paralelos próximos que nos permitem afinar a cronologia para um espaço centrado nos fins do Séc. VI. Isto é marcante se aceitarmos que existe uma profunda continuidade de tradições que vêm desde a Idade do Bronze, que se reflectem na tecnologia e no reportório formal das cerâmicas locais (DIAS & COELHO 1983, 205). Os horizontes definidos pela cultura material teriam portanto que ser definidos a partir de espécimes nela integrados em frequências estatisticamente pouco significativas, mantendo-se as frequências mais importantes compostas por tipos pouco variáveis, ou variáveis apenas na muito longa duração.

Pensamos ser possível, desta afirmação e por analogia, retirar algumas ilacções para o domínio da paleo-etnologia, que nos poderão indicar que as populações do alto e médio vale do Mira se mantêm como um fundo cultural (e, logo, presumivelmente étnico) constante, recebendo e adoptando dados culturais importados ao longo da proto-História.

Esta cronologia e o estatuto paleo-etnológico dos paralelos que encontramos permitem-nos colocar o povoado que estudamos num período da proto-história do Sudoeste que constituiria a transição entre as duas Idades do Ferro, tal como foram definidas por Caetano Beirão e Mário Varela-Gomes. Existindo dois mundos diferenciados, dentro da Idade do Ferro do Sul, o daquelas sociedades que possuem uma civilização dotada de escrita, e cujos aspectos civilizacionais

(do que podemos julgar pela análise da cultura material) deve muito ao mundo orientalizante (BEIRÃO & VARELA-GOMES, 1980, 6); e o das sociedades que começam a evoluir para um modo de vida completamente diferente, que actualmente supomos mais próximo das culturas da Idade do Ferro da Meseta e do Levante, a que chamamos propriamente Ibéricas, e que aparentemente esqueceram a escrita (já que reaproveitam as lápides como material de construção); o povoado do Porto das Lages integrar-se-á precisamente num momento de início da transição entre eles, num espaço cronológico que provavelmente abrange a segunda metade do Séc. VI a. C. e o primeiro quartel do Séc. V a. C.

QUESTÕES DE INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICO CULTURAL

A escassez de paralelos próximos para a estação que estudamos (deixando de lado o povoado de Fernão Vaz, que aguarda uma monografia actualizada) deve-se certamente mais à inexistência de investigação do que a questões objectivas de distribuição geográfica de estações comparáveis.

A questão da relação entre o povoado do Porto das Lages e os habitats da I.^a Idade do Ferro detectados nas proximidades das necrópoles que utilizavam as lápides epigrafadas é uma questão fundamental para a correcta integração cronológico-cultural da estação. Infelizmente, no actual desenvolvimento da investigação, a ausência de dados concretos sobre a cronologia, a especialização económica (que se postula ter existido) e as prováveis relações de interdependência entre os povoados, impede qualquer tipo de afirmação positiva sobre a matéria. No entanto as investigações de Caetano Beirão sobre a escrita do SO Peninsular - à qual se deveria aplicar, aliás, o adjectivo de «cinética» - e os dados recolhidos sobre os seus povoados e necrópoles permite, pelo menos, traçar o quadro teórico e as linhas mais gerais pelas quais estes povoados se relacionam com o mundo tartéssico que lhes está próximo, e como recebem e elaboram os influxos da *koiné* orientalizante mediterrânica do Séc. VIII a. C. e seus efeitos posteriores.

O que podemos certamente afirmar é que a estratégia de ocupação do território a que estes povoados obedecem não é condicionada por parâmetros religiosos idênticos aos *heraia* greco-orientais - como é indicado em análises recentes do problema, que enfermam de falta de dados generalizados sobre as estações da zona e de uma valorização incorrecta de alguns elementos constantes da cultura material aí presente (GAMITO, 1986, 33). Será mais proveitoso para a investigação, e na ausência de dados mais concretos sobre a diacronia dos povoados até agora identificados, tomar-se como ponto de partida a íntima relação dos habitats com o rio (parecendo provável que a recolha de metais nobres nos aluviões fosse um dos vectores económicos explorados) e indagarmos da relação destes com os outros pontos habitados, localizados na península, de cuja situação topográfica se deduziria mais facilmente uma vocação agrícola ou pastoril.

A questão fundamental é vermos para onde se fazem os movimentos de fluxo e refluxo, respectivamente de matérias primas locais e artesanatos importados; como se fazem, se por comércio ou por intermédio de uma rede de autoridades locais ligadas por laços de cordialidade e dependência e finalmente quais as relações desta zona com os autores materiais do movimento de colonização das costas mediterrânicas, sejam púnicos ou greco-orientais. Alguns dados que começam a ser divulgados e algumas ideias que começam a surgir necessitam ainda, em nossa opinião, de maior ponderação crítica e de maior contraste com a realidade arqueológica. (ARRUDA, 1984, 217 ss.; SILVA, SOARES, BEIRÃO, DIAS & COELHO-SOARES, 1981, 149 ss.; COELHO-SOARES, 1986, 80 ss.; AUBET, 1986; CHAMPION & CHAMPION, 1986, 59 ss.; RENFREW; 1986, 1 ss.; CORREIA 1989).

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA 1984 - ARRUDA, Ana Alcáçova de Santarém. *Relatório dos trabalhos arqueológicos de 1984*, *Clio-arqueologia*, 1, Lisboa, INIC, 1984; 217-223.
- AUBET 1986 - AUBET, M.^a Eugénia, *Tyro y las colonias fenicias de Occidente*, Barcelona, Bellaterra ed., 1987.
- BEIRÃO 1986 - BEIRÃO, Caetano de Mello, *Une civilization protohistorique du Sud du Portugal*, Paris, De Boccard ed., 1986.
- BEIRÃO & VARELA-GOMES 1980 - BEIRÃO, Caetano de Mello & GOMES, Mário Varela, A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes) *Arqueológico Português*, Série IV, 1, Lisboa, 1983; 207-266.
- BEIRÃO, SILVA, SOARES, GOMES & GOMES; 1985 - BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Verela & GOMES, Rosa Varela, Depósito Votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira Campanha de escavações, in *O Arqueólogo Português*, Série N.º 3, Lisboa, MNAE, 1985; 45 ss.
- BELÉN, FERNANDEZ-MIRANDA & GARRIDO 1977 - BELÉN, Maria FERNANDEZ-MIRANDA, Manuel & GARRIDO, Juan Pedro, Los origenes de Huelva, *Huelva Arqueológica*, III, Huelva, 1977.
- BLANCO, LUZON & RUIZ 1970 - BLANCO, A., LUZON, J. M. & RUIZ MATA, D., *Excavaciones arqueológicas en el Cerro Salomón. Rio Tinto, Huelva*, Sevilla, 1970.
- CHAMPION & CHAMPION 1986 - CHAMPION, Thimoty and Sara, Peer polity interaction in the European Iron Age, in *Peer polity interaction and socio-political change* (Colin Renfrew & John F. Cherry Ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 1986, 59 ss.
- COELHO-SOARES 1986 - COELHO-SOARES, Antónia, Achados arqueológicos na vila de Odemira, *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, Évora, 1986/87 ss..
- CORREIA 1988 - HIPÓLITO CORREIA, Virgílio, *A estação da Idade do Ferro de Porto das Lages (Ourique)*, (ABC Portugal n.º 3), Lisboa, 1988.
- CORREIA 1989 - HIPÓLITO CORREIA, Virgílio, A expansão orientalizante na fachada atlântica da Península, comunicação ao Colóquio «Arqueologia Hoje» (Faro, 1989).
- DIAS, BEIRÃO & COELHO 1970 - DIAS, Maria Manuel Alves, BEIRÃO, Caetano de Mello & COELHO, Luís, Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo alentejo, Ourique, *Arqueólogo Português*, Série III, 4, Lisboa, MNAE, 1970.
- DIAS & COELHO 1983 - DIAS, Maria Manuela Alves & COELHO, Luís, Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole porto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique), *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1, Lisboa, MNAE, 1983; 197 ss.
- GAMITO 1986 - GAMITO, Teresa, Júdice, Os espetos de Bronze do Sudoeste Peninsular - Sua interpretação socio-ideológica, *Conimbriga*, XXV, Coimbra, 1986, 23 ss.
- RENFREW 1986 - RENFREW, Collin, Introduction..., in *Peer polity interaction and socio-political change* (Collin Renfrew & John F. Cherry Ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 1986, 1ss.
- ROIZ & GARCIA 1978 - ROIZ, Juan Pedro Garrido & GARCIA, Elena M.^a Orta, *Excavaciones en la necropolis de «La Joya» Huelva II*. (Excavaciones Arqueológicas en España 96). Madrid, 1978.
- SILVA, SOARES, BEIRÃO, DIAS & COELHO-SOARES 1981 - TAVARES DA SILVA, Carlos, SOARES, Joaquina BEIRÃO, Caetano de Mello, FERRER DIAS, Luisa & COELHO-SOARES, Antónia, Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal, *Setúbal Arqueológica*, 6-7, Setúbal, 1981; 149-218.

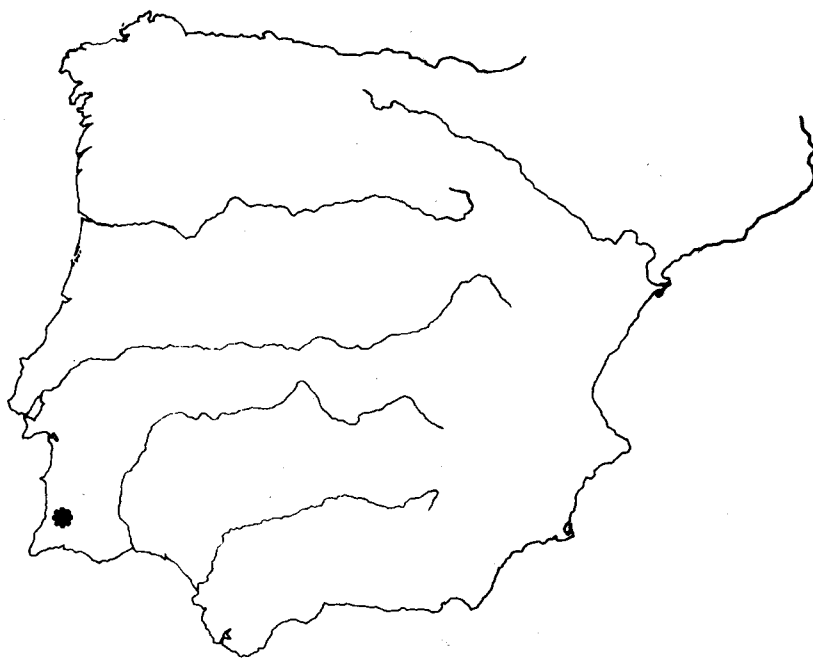


Fig. 1 - O porto das Lages na Península Ibérica.

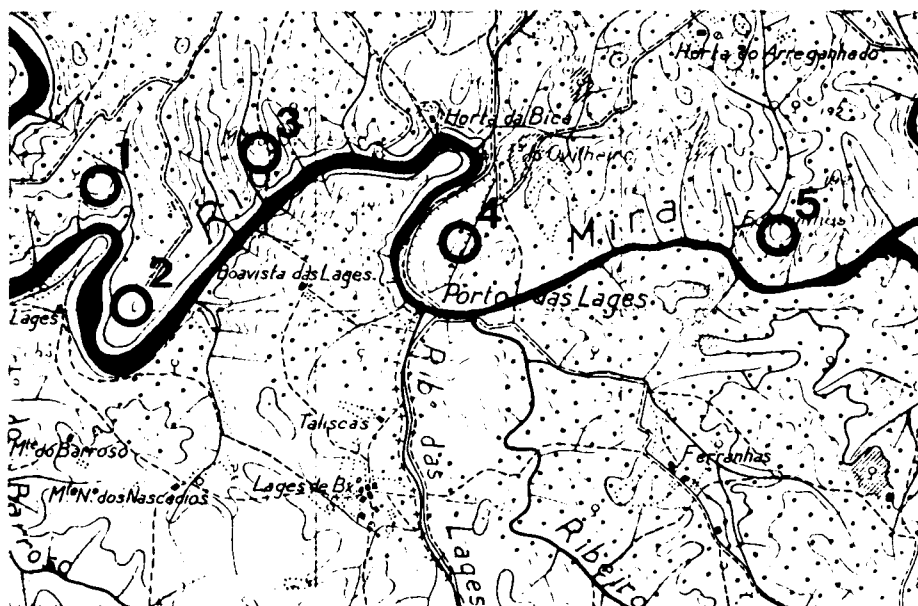


Fig. 2 - Povoados da Idade do Ferro no médio vale do Mira, 1/25000: 1- Vaga da Cascalheira; 2 - Fernão Vaz; 3 - Moinho do Ovilheiro; 4 - Porto das Lages; 5 - Pêgo da Sobreira.

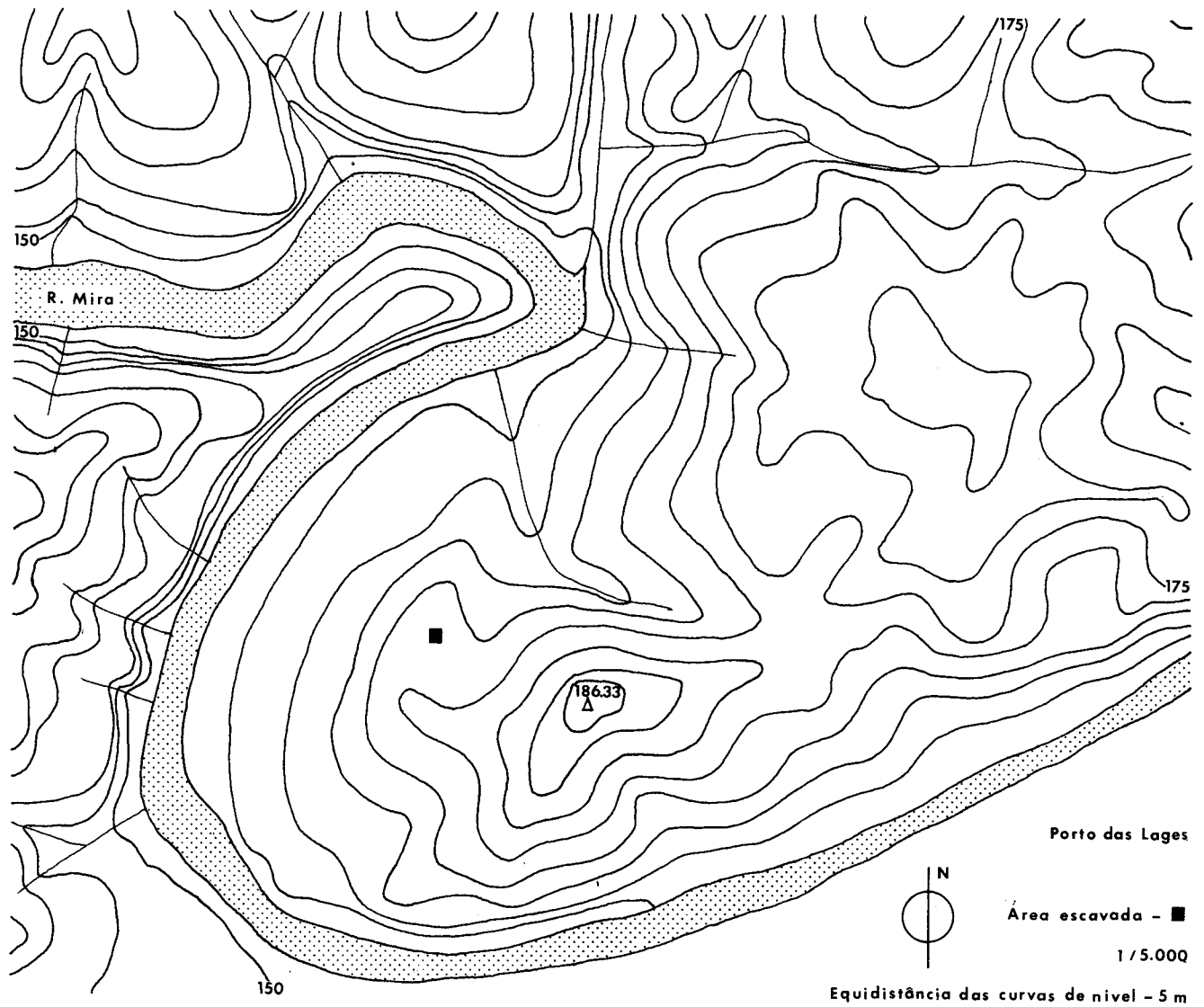


Fig. 3 - Porto das Lages, 1/5000.

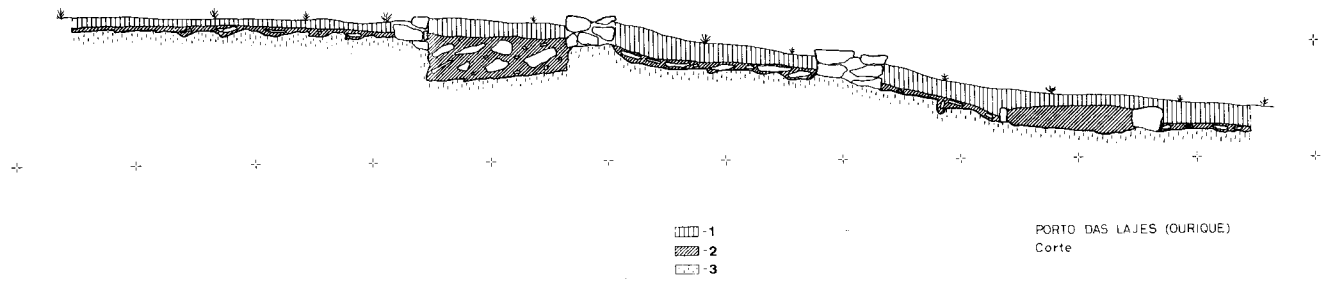


Fig. 4 - Perfil estratigráfico reconstruído, 1/60. 1 - Camada castanha clara; 2 - Camada avermelhada; 3 - Xistos da base.

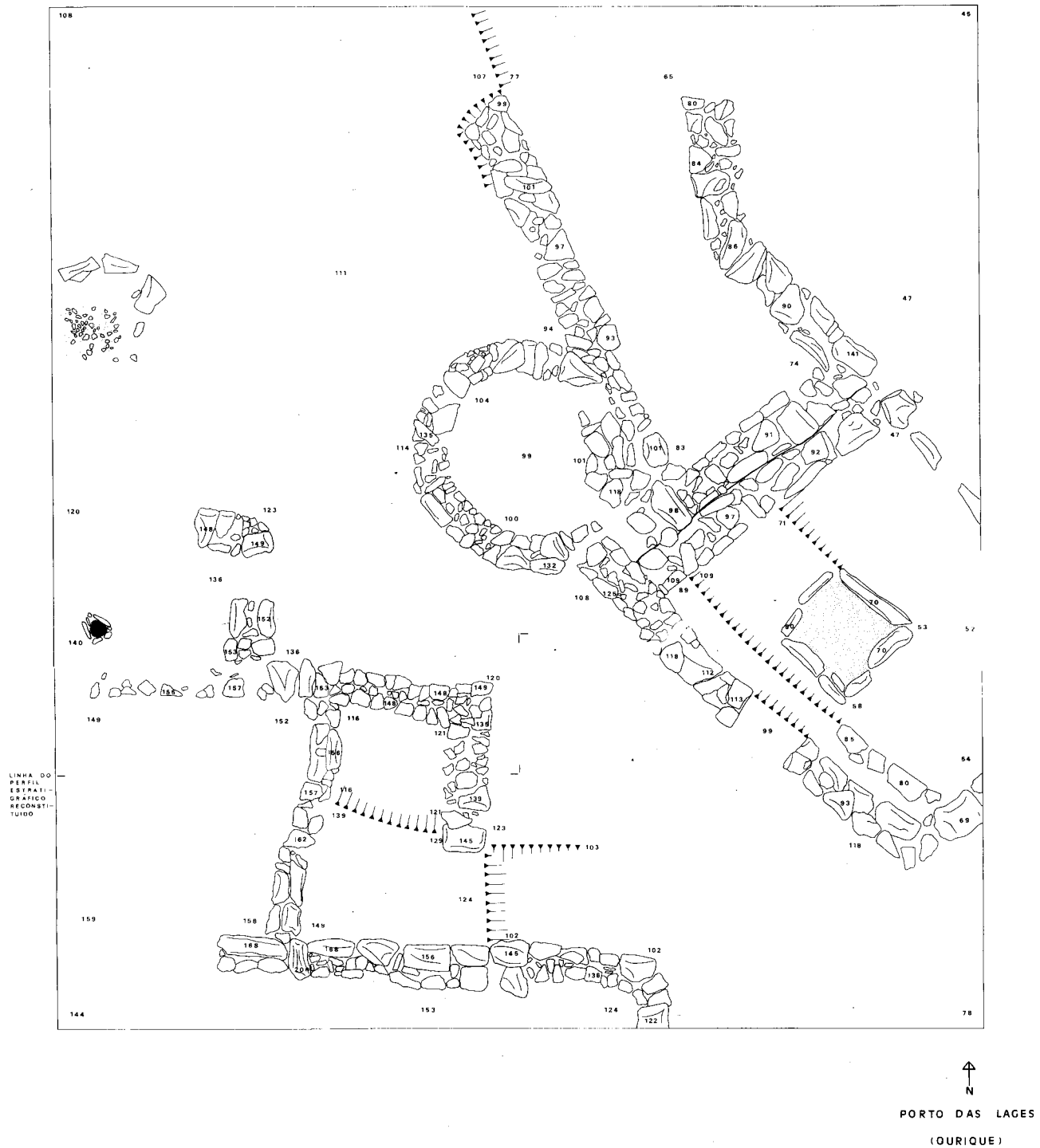


Fig. 5 - Planta das estruturas, 1/60.

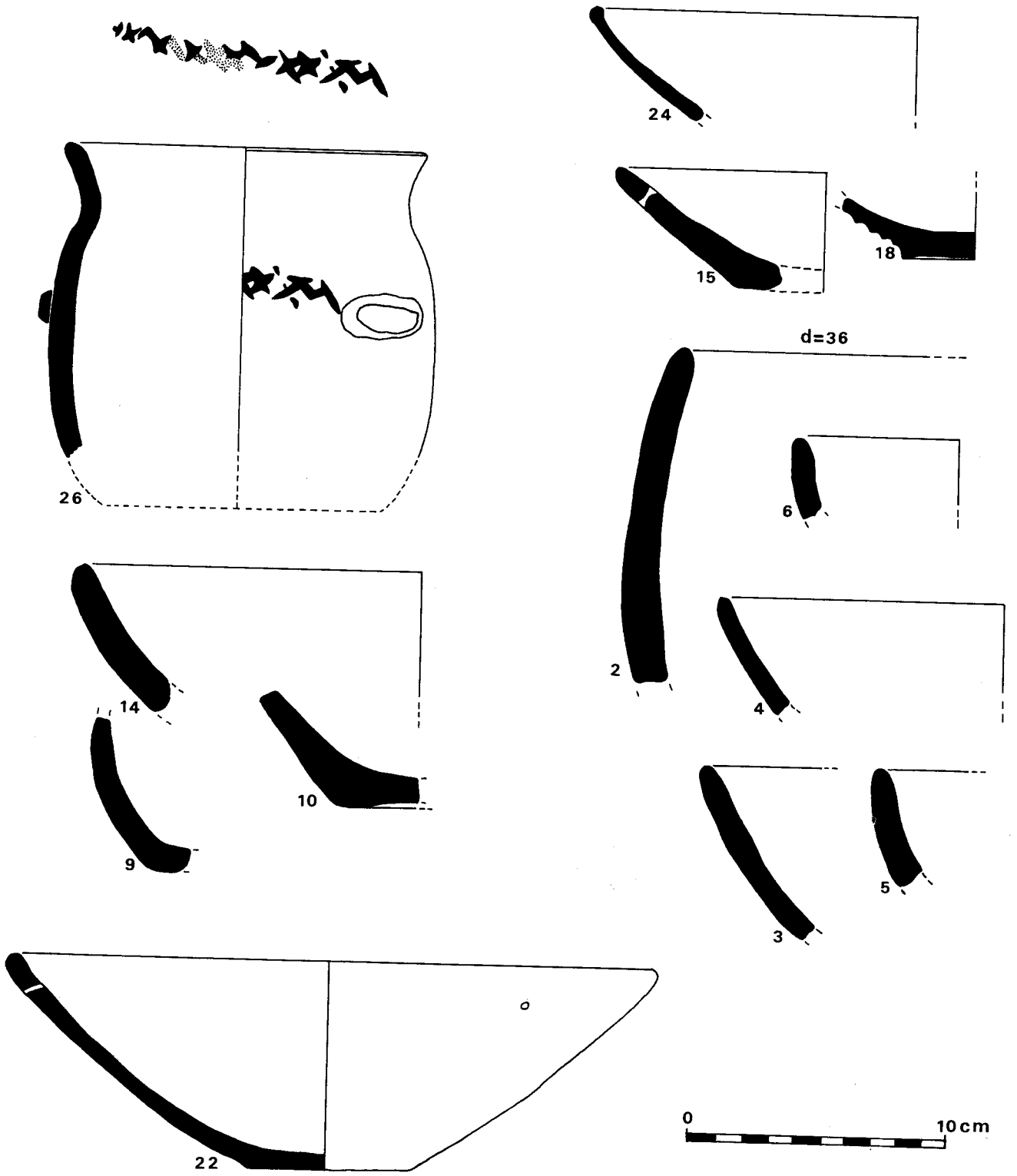
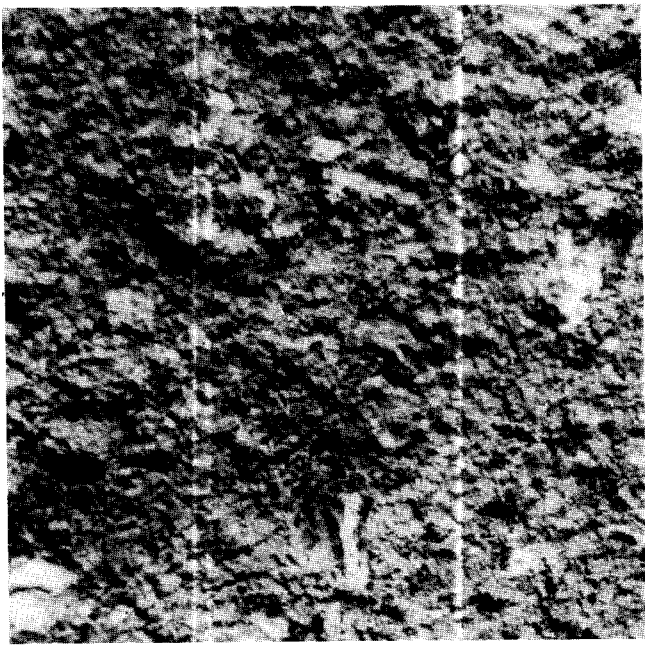
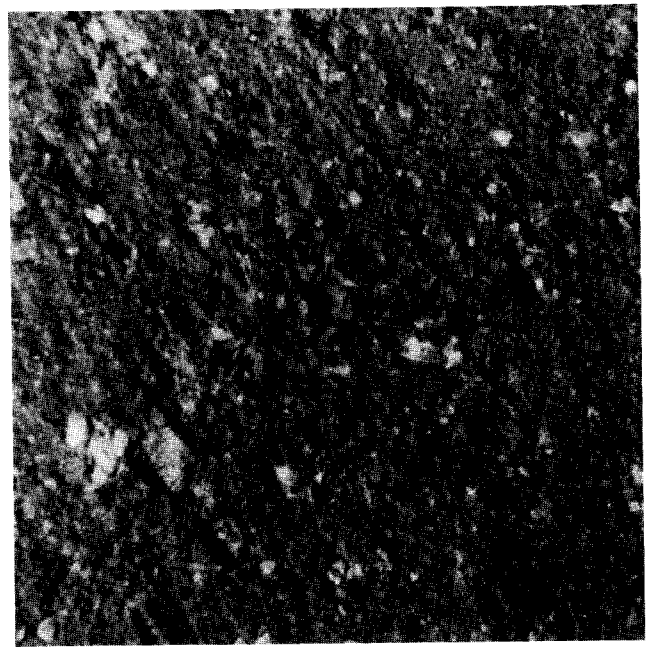


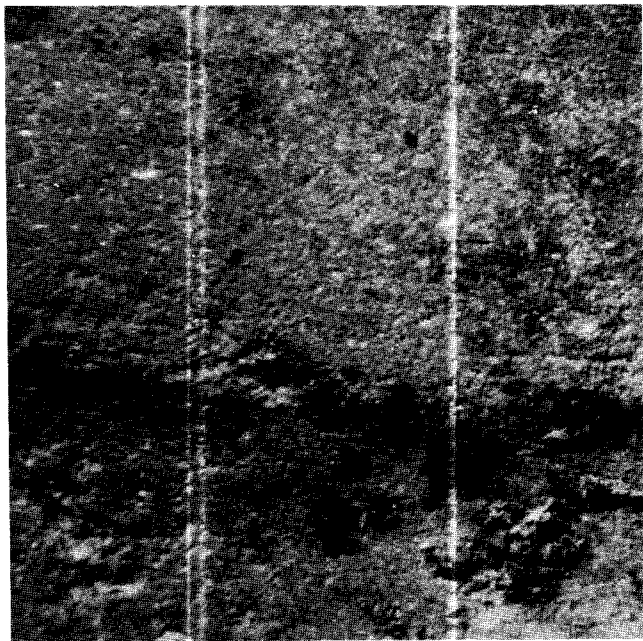
Fig. 6 - Cerâmicas (Números do catálogo).



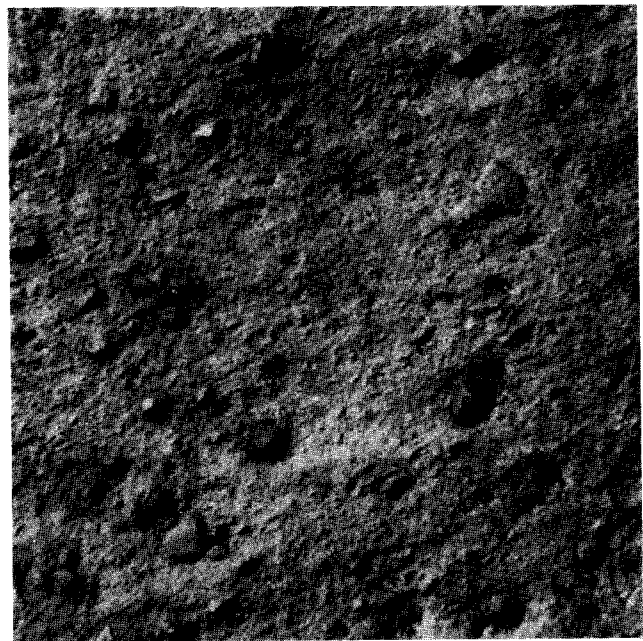
1



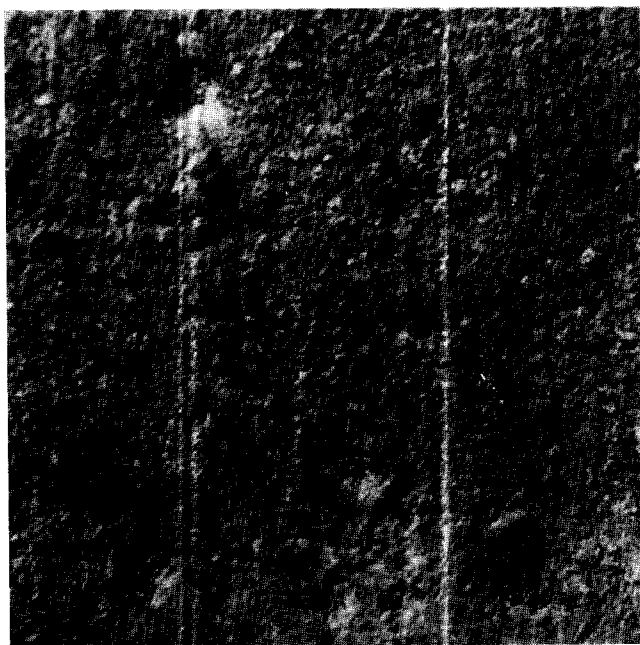
2



3



4



5



6

Fig. 7 - Aspecto superficial dois tipos cerâmicos, 10/1: 1 - cerâmica manual; 2 - Idem bem alisada; 3 - Cerâmica a torno polida em estrias; 4 - cerâmica arenosa; 5 - Engobe castanho; 6 - Engobe negro.

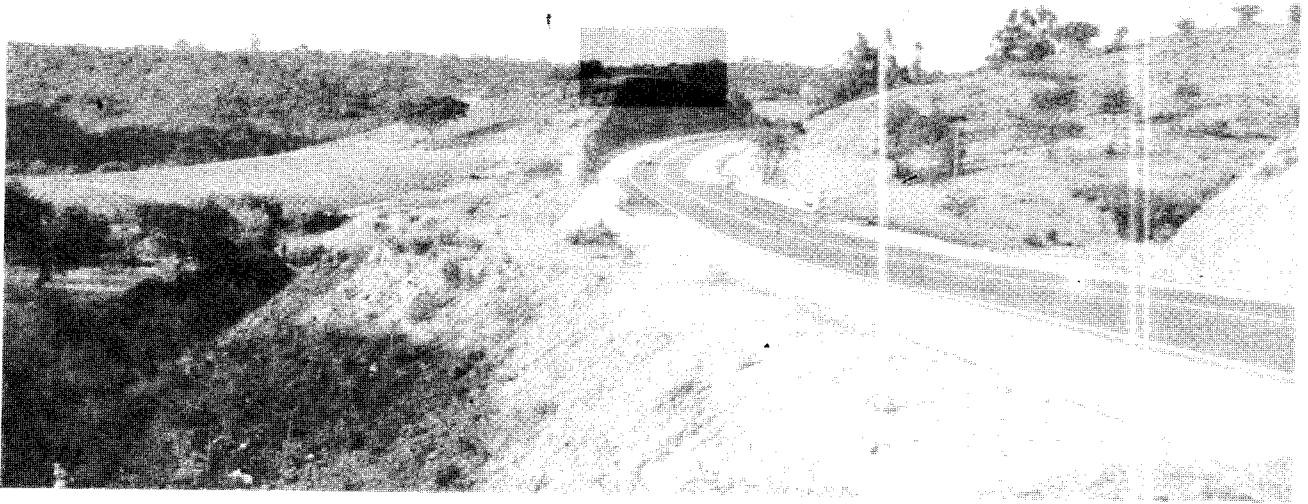


Fig. 1 - Localização. Visto do Sul.

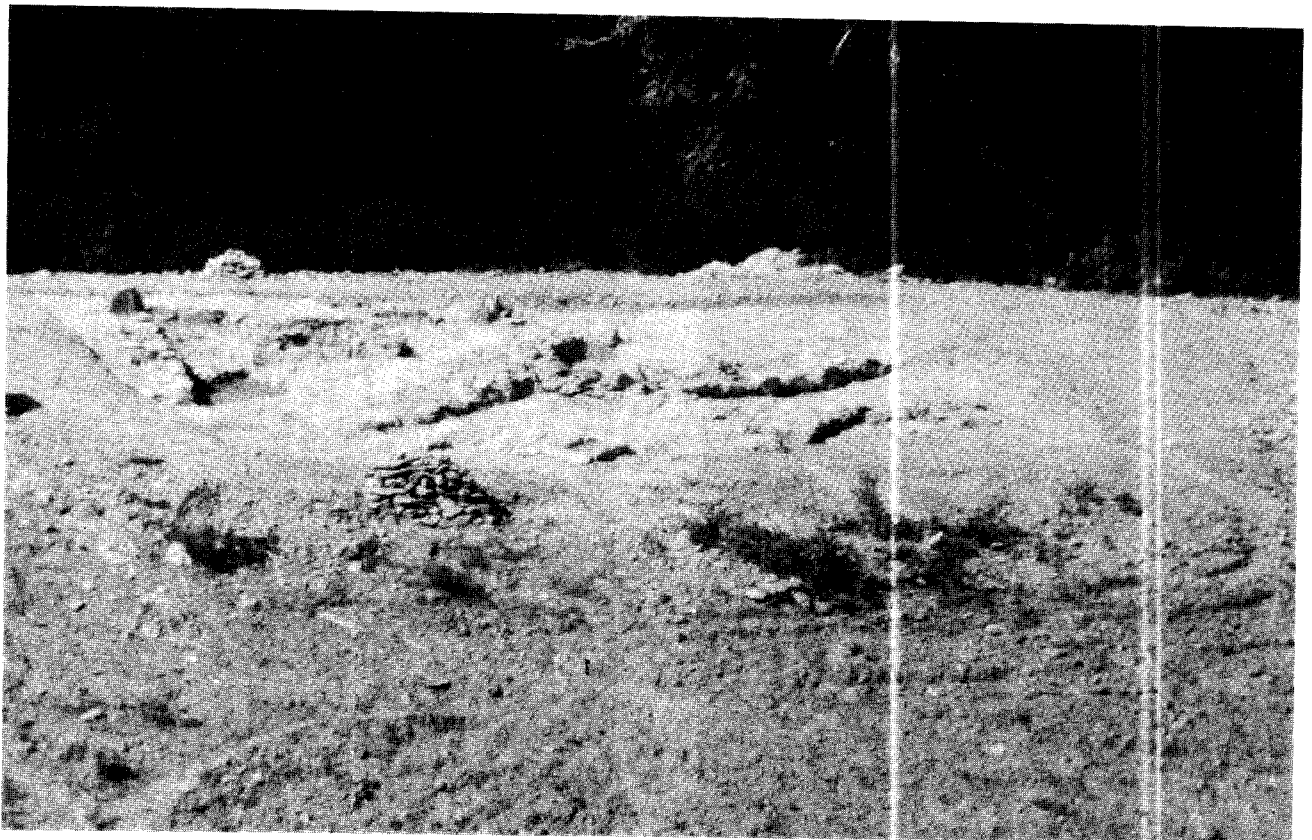


Fig. 2 - Aspecto da área escavada.

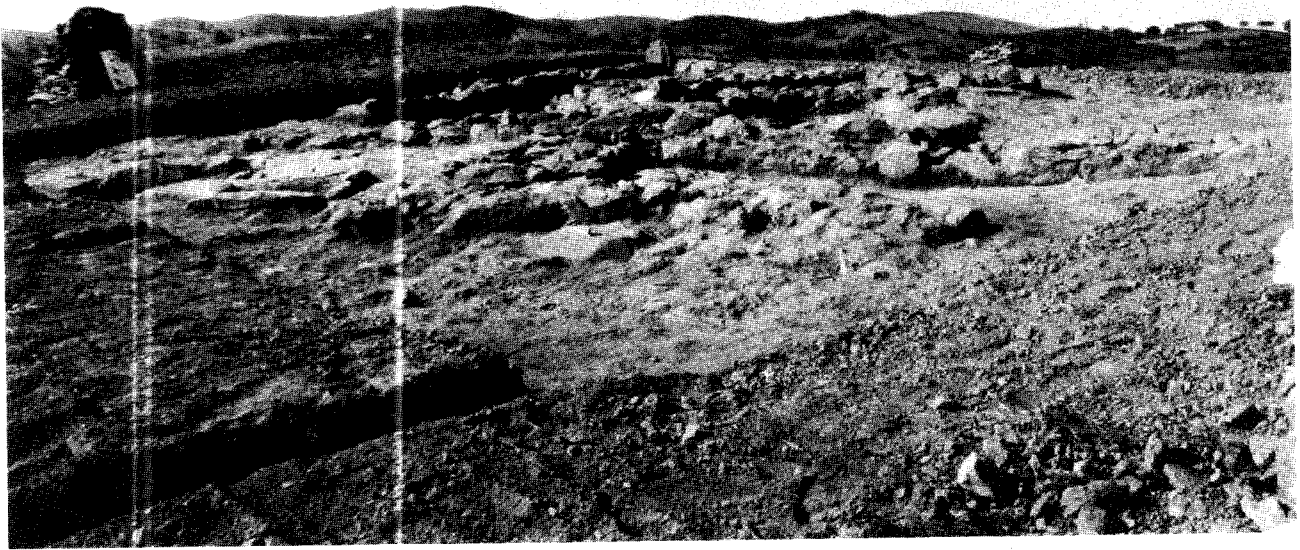


Fig. 3 - Aspecto das estruturas.

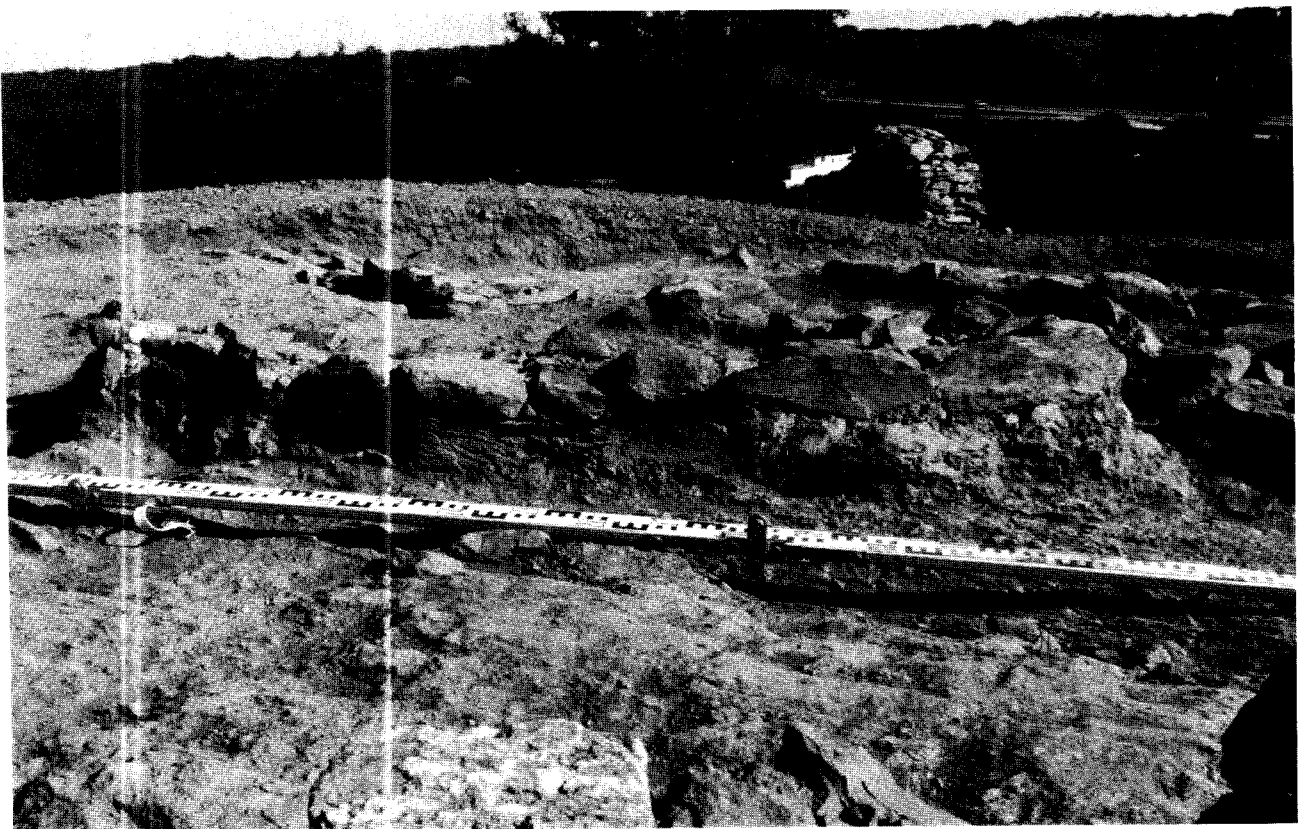


Fig. 4 - Alçado da construção circular.

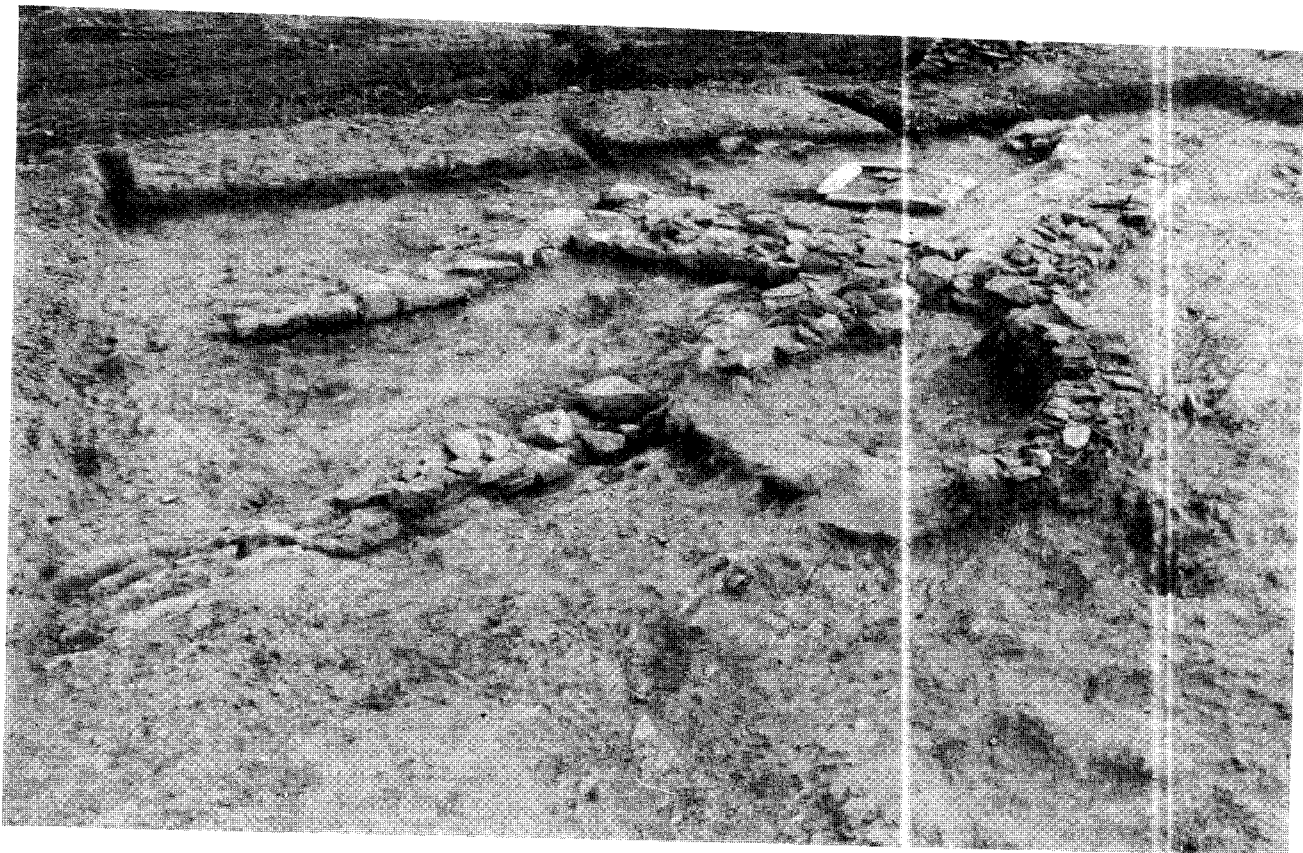


Fig. 5 - Estruturas a Nordeste da área escavada.

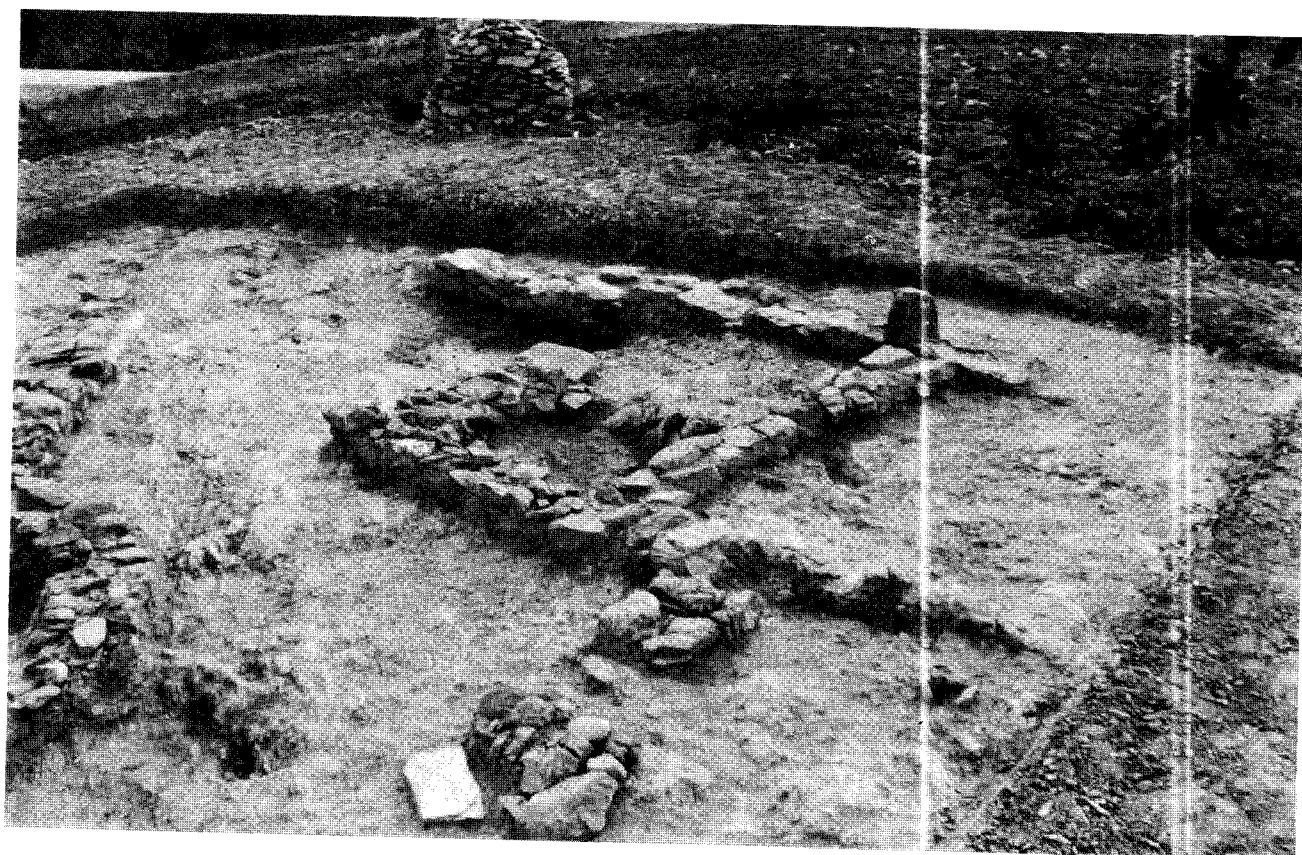


Fig. 6 - Estruturas a Sudoeste da área escavada.